

Uwa'kürü - dicionário analítico

Volume 2

Organização
Gerson Rodrigues de Albuquerque
Agenor Sarraf Pacheco

Nepan Editora
Rio Branco - Acre
2017

SEXUALIDADE AMAZÔNICA



A tentativa de caracterização das experiências, expressões, práticas e vivências da diversidade sexual e de gênero na Amazônia deve levar em consideração, inicialmente, o que Peter Fry¹ relatou na década de 1970, a partir de sua pesquisa realizada no Pará.² O autor só teria podido perceber as particularidades e as singularidades das experiências da diversidade sexual e de gênero no Brasil como um todo porque teve a oportunidade de comparar dois contextos sociais tão distantes um do outro: o da metrópole amazônica, Belém, e o da megalópole nacional, São Paulo. A partir daí, criou-se uma espécie de paradigma nos estudos sobre a diversidade sexual e de gênero no Brasil, voltados, sobretudo, para as realidades urbanas do centro-sul do Brasil, deixando-se de lado as realidades interioranas, rurais e etnicamente diferenciadas e as realidades amazônicas.

Os escritos de Fry, assim como o que ele publicou com Edward MacRae³, e as obras de Carmen Dora Guimarães⁴, Richard Parker⁵, Nestor Perlongher⁶, Luiz Mott⁷, publicadas na década de 1980, e de Jaqueline Muniz de Oliveira⁸ e Maria Luiza Heilborn⁹, publicadas na década de 1990, dentre outras, geralmente com propostas de tipologias e mapeamentos, contribuíram decisivamente para a *instituição* do campo dos estudos sobre

1 Fry, *Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros*, 1982a e *Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil*, 1982b.

2 Uma parte desse texto foi publicada originalmente em forma de artigo na revista *Ciência e Cultura*, v. 69, 2017, pp. 50-53, sob o título “As experiências da diversidade sexual e de gênero no interior da Amazônia: apontamentos para estudos nas Ciências Sociais”, com autoria de Fabiano Gontijo.

3 Fry; MacRae, *O que é homossexualidade*, 1983.

4 Guimarães, *O homossexual visto por entendidos*, 2004 [1977].

5 Parker, *Masculinity, femininity, and homosexuality*, 1986.

6 Perlongher, *O negócio do michê*, 1987.

7 Mott, *Dez viados em questão: tipologia dos homossexuais da Bahia*, 1987.

8 Oliveira, “Mulher com mulher dá jacaré”, 1992.

9 Heilborn, *Ser ou estar homossexual*, 1996.

a diversidade sexual e de gênero no Brasil. Mas, quase sempre, tratando da homossexualidade masculina, urbana, branca (ou negra urbana) e das regiões Sudeste ou Sul.

Desde as décadas de 1980/90, a diversidade sexual e de gênero vem se consolidando como um forte objeto de estudo nas mais diversas instituições de ensino e pesquisa nacionais, principalmente nas Ciências Humanas e Sociais. São abordados temas variados que vão desde as questões básicas acerca do que é ser homossexual e como se constituem as categorias de designação vinculadas às identidades, às identificações e à diversidade sexual e de gênero eventualmente decorrentes das práticas sexuais entre sujeitos considerados (ou que se consideram) como sendo do mesmo sexo/gênero e as formas de sociabilidades homossexuais, até questões mais particulares ou singulares acerca da literatura e das produções culturais homossexuais ou homocultura; do mercado e do consumo “gays” ou “mercado rosa”; da especificidade da saúde de mulheres homossexuais ou de sujeitos transexuais e do envolvimento no combate à epidemia de HIV/AIDS; do envelhecimento em homossexuais; da organização política de gays, lésbicas, travestis e transexuais; das tecnologias da transexualização, dos sexos e dos gêneros; dos novos regimes morais; das experiências religiosas homossexuais; do preconceito, da discriminação e da homofobia; dos direitos e do acesso à cidadania; das conjugalidades, das parentalidades e dos arranjos familiares homossexuais; dentre tantos outros temas. No entanto, pouco ou nada se escreveu sobre esses e outros temas em contextos rurais e interioranos e/ou em situações etnicamente diferenciadas, sobretudo amazônicas.

Na sociedade brasileira contemporânea, assim, presencia-se uma efervescência de práticas (de pesquisa e de ativismo político) que questionam o padrão heteronormativo ou a heterossexualidade compulsória enquanto poderoso sistema ideológico ou sistema cultural, a partir de sujeitos lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais, com todas as peculiaridades que o contexto sociocultural e histórico compõe. Motivado por e motivando esse fenômeno, os movimentos sociais vinculados aos direitos sexuais e os intelectuais afeitos à temática colocam cada vez mais questões visando desestabilizar a normatização de condutas que encerram essas experiências e, logo, interpelar a “analítica

da normalização”¹⁰, ou seja, a forma como as fronteiras da diferença são constituídas ou a maneira como se dá a construção de padrões que regulam a vida dos sujeitos em suas práticas cotidianas.

Percebe-se que, embora Fry tenha iniciado os estudos sobre homossexualidade no Brasil pela capital paraense, pouco (ou nada?) foi escrito sobre o assunto na região amazônica até a década de 1990. Nos jornais cotidianos locais de Belém, tanto n’*O Liberal*, quanto no *Diário do Pará*, verificou-se uma ausência quase total desta temática ao longo das décadas de 1970, 1980 e 1990 – os poucos relatos aparecem geralmente nos cadernos policiais. Com alguns trabalhos de conclusão de curso de Ciências Sociais, da Universidade Federal do Pará, UFPA, entre o final da década de 1980 e ao longo da década de 1990, tem-se um reinício de interesse pela temática na região. A partir da década de 2000, uma pequena série de estudos realizados na área das ciências humanas e sociais aplicadas (ciências sociais, serviço social, direito, psicologia, etc) nas instituições de ensino superior da região Norte, culminam no final da década de 2000 e início de 2010 com as primeiras dissertações de Mestrado e teses de Doutorado sobre o assunto, defendidas. Assim como acontece no Centro-Sul do Brasil, os tímidos estudos sobre a diversidade sexual e de gênero realizados na Amazônia também vêm dando ênfase (mas, não exclusivamente) às realidades urbanas, brancas e masculinas¹¹.

O que os estudos rurais, no Brasil, dizem sobre as experiências homossexuais? O que os estudos sobre etnicidade dizem sobre as experiências homossexuais? O que os estudos sobre a diversidade sexual e de gênero dizem sobre as experiências homossexuais rurais, interioranas e/ou em situações etnicamente diferenciadas? Enfim, o que os estudos amazônicos dizem sobre as experiências homossexuais?

Na década de 1990, artigos de Ellen e Klaas Woortmann¹² já haviam atentado para algumas particularidades da sexualidade no mundo rural, embora esse não fosse o foco dos estudos. Em 2006, a tese de doutorado de Silva Nascimento e a dissertação de mestrado de Paulo Rogers Ferreira, ambas em antropologia, defendidas respectivamente na Univer-

10 Miskolci, A Teoria Queer e a Sociologia, 2009, p. 150.

11 Gontijo e Erick, A experiência da diversidade sexual e de gênero no Pará, 2016.

12 Woortmann, Herdeiros, parentes e compadres, 1995; e Woortmann e Wortmann, Fuga a três vozes, 1993.

sidade de São Paulo e na Universidade de Brasília, trataram, com abordagens diferentes, de aspectos relativos à temática da sexualidade no mundo rural brasileiro, acrescentando, assim, novidades aos já tão consolidados estudos rurais brasileiros, por um lado, e, por outro, aos também já tão consolidados estudos sobre gênero e sexualidade no Brasil, inclusive na perspectiva “*queer*”. Depois, a dissertação de mestrado de Luanna Mirella, intitulada “Localidade ou MetrÓpole? Demonstrando a capacidade de atuação política das travestis no mundo-comunidade”, defendida em 2010 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, apresentou a trajetória biográfica de Kátia Tapety, travesti que exerceu cargos políticos em um pequeno município rural piauiense, mas não se tratou especificamente de uma pesquisa sobre a sexualidade de travestis no mundo rural brasileiro.

Mais recentemente, na década de 2010, as pesquisas realizadas por Martinho Tota e por Roberto Marques, ambos no Nordeste, vêm abordando com primor a sexualidade divergente em contextos interioranos – seja entre indígenas, como Tota¹³ junto aos *Potiguar* da Paraíba, seja em festas de forró eletrônico, como Marques¹⁴, no interior do Ceará. Vale ressaltar ainda as pesquisas recentes de Moisés Lopes¹⁵, na capital mato-grossense, junto a militantes e ativistas dos direitos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros, e as pesquisas de Guilherme Passamani¹⁶, na região pantaneira de Corumbá, Mato Grosso do Sul, junto a idosos homossexuais interioranos, dentre outras.

Alguns desses trabalhos, assim como alguns artigos que Silvana Nascimento¹⁷ vem publicando nos últimos anos sobre as experiências da diversidade sexual e de gênero consideradas como desviantes em contextos rurais e interioranos da Paraíba, serviram de inspiração inicial para nossas indagações sobre a experiência das sexualidades no mundo rural piauiense, num primeiro momento, e, em seguida, no interior do Pará. Na pesquisa bibliográfica desenvolvida durante o estágio pós-doutoral, foi feita uma análise dos artigos e dossiês em periódicos especializados e das

13 Tota, Entre as diferenças gênero, geração e sexualidades em contexto interétnico, 2012 e Eixos, nexos e câmbios de diferença, 2013.

14 Marques, Homoerotismo no Cariri cearense, 2012; e O Cariri e o forró eletrônico, 2014.

15 Lopes, O movimento LGBT da Baixada cuiabana e a segmentação de identidades, 2014.

16 Passamani, Batalha de confete e outras memórias, 2015.

17 Nascimento, Homem com homem, mulher com mulher, 2012; e Variações do feminino, 2014.

publicações que reúnem textos com o “estado da arte” sobre os temas da ruralidade e do gênero/sexualidade nas Ciências Sociais confirmando as inúmeras lacunas e quase total ausência dos relatos sobre a vivência sexual e das experiências da sexualidade dos camponeses, não somente nos estudos rurais, mas também nos estudos de gênero e sexualidade.

Após algumas viagens ao interior do Piauí (regiões Centro-Sul e Norte do estado) para conversar com sujeitos cujas trajetórias e experiências não se encaixavam exatamente naquilo que se vinha lendo, por um lado, sobre aquele camponês tal qual tratado pelos estudos rurais, e, por outro lado, sobre identidades e transgressões sexuais e de gênero nos estudos de gênero e sexualidade, decidiu-se indagar-se sobre o porquê (e o como) desses desencaixes ou lacunas, ausências e possíveis silenciamentos. A inserção no contexto amazônico levou-nos a acrescentar a essa preocupação aquela com os desencaixes, lacunas, ausências e possíveis silenciamentos verificados também no que diz respeito à experiência da diversidade sexual e de gênero em contextos etnicamente diferenciados e em pequenas e médias cidades amazônicas, nos “interiores”, onde as categorias do rural utilizadas para o entendimento das realidades específicas das regiões Sul e Sudeste parecem não ter o mesmo vigor diante da entrada em cena de categorias como “caboclo”, “ribeirinho” e “homem amazônico”, tornando a realidade ainda mais complexo¹⁸. Essa complexidade tem nos levado à proposta, ainda que tímida, da noção de “interioridade”: um espaço-tempo que transita entre ruralidade e urbanidade, confundido pela dinâmica da etnicidade, em contexto amazônico, nas figuras do caboclo e do ribeirinho, além do indígena e do quilombola¹⁹.

Algumas importantes referências sobre o assunto das experiências da diversidade sexual e de gênero nos contextos interioranos e nas situações etnicamente diferenciadas foram encontradas até agora em nossas buscas bibliográficas. Para os estudos sobre sexualidades entre povos indígenas, parece fundamental o artigo de Cristina Donza Cancela, Flávio Leonel da Silveira e Almiros Machado (este último, indígena Guarani

18 Harris, What it means to be a caboclo, 1998; Lima-Ayres, A construção história da categoria caboclo. Sobre estruturas e representações sociais no meio rural, 1999; Miller, Itá em 1974: um epílogo, 1977; Motta-Maués, A questão étnica, 1989; Parker, The amazon caboclo – Historical and Contemporary Perspectives, 1985; Wagley, Man in the Amazon, 1974.

19 Gontijo e Erick, Diversidade sexual e de gênero, ruralidade, interioridade e etnicidade no Brasil, 2015.

do Mato Grosso do Sul), intitulado “Caminhos de uma Pesquisa acerca da Sexualidade em Aldeias Indígenas no Mato Grosso do Sul”, abordando a maneira como os pesquisadores e o indígena construíram um diálogo sobre a possibilidade de existência das práticas sexuais entre pessoas consideradas como sendo do mesmo sexo nas aldeias da etnia de origem de Almiros.

A coletânea intitulada *Gênero e Povos Indígenas*, organizada por Ângela Sacchi e Márcia Maria Gramkow, traz textos que também contribuem para instigar a discussão sobre o assunto, mas que pouco problematizam a diversidade sexual e de gênero nas situações objetivas abordadas.

O número 41, de 2013, do periódico *Cadernos Pagu*, da Universidade de Campinas, trouxe uma grande contribuição para os estudos sobre gênero e sexualidades em contextos indígenas, em particular com os artigos de Vanessa R. Lea (“O Som do Silêncio (Paul Simon)”, pp. 87-93, onde a autora aborda o fato de que “a necessidade de acomodar-se ao mundo não-indígena atiza a curiosidade dos povos indígenas a respeito da sociedade envolvente”, em particular no que diz respeito ao interesse de indígenas pela pornografia e as fontes de erotismo dos não-indígenas) e Cecília MacCallum (“Notas sobre as categorias ‘gênero’ e ‘sexualidade’ e povos indígenas”, pp. 53-61, que trata da fragilidade do uso das categorias de gênero e sexualidade para tratar de realidades indígenas) – embora pouco se tenha falado de práticas sexuais entre pessoas consideradas como sendo do mesmo sexo nas situações concretas analisadas pelos autores.

A tese de Estêvão Fernandes²⁰ sobre “homossexualidade indígena no Brasil”, defendida em 2015, trata do que ele afirma não ter encontrado na literatura, apesar das diversas referências a sexualidades indígenas em alguns textos já considerados clássicos, como em Charles Wagley, Pierre Clastres, Claude Lévi-Strauss, Alfred Métraux, Darcy Ribeiro, dentre outros, por um lado, e, por outro, em alguns textos da historiografia também clássica sobre os nativos americanos nos primeiros momentos dos contatos com os europeus.

Um seminário organizado por Luisa Elvira Belaunde (MN/UFRJ), Els Lagrou (IFCS/UFRJ) e Marina Vanzolini ((PPGAS/USP), realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio

20 Fernandes, *Descolonizando sexualidades*, 2015.

de Janeiro, em junho de 2015, tinha por objetivo discutir a sexualidade indígena – com o instigante título de “Foucault na Amazônia? Sexualidades Indígenas” –, abrindo uma nova arena para a discussão do assunto. Algumas das comunicações apresentadas durante o evento encontram-se no dossiê temático intitulado “O Estudo da Sexualidade na Etnologia”, publicado pela Revista *Cadernos de Campo*, em seu volume 24, número 24, de 2015. Importante também foi o Fórum Temático “Diversidade Sexual e de Gênero: Interseccionalidade, Violência e Regionalidade” (do qual fizemos parte), coordenado por Júlio Simões, na V Reunião Equatorial de Antropologia, realizada em Maceió, em julho de 2015.

Vale ressaltar, ainda, a Mesa-Redonda “Diversidade Sexual e de Gênero em Áreas Rurais, Contextos Interioranos e/ou Situações Etnicamente Diferenciadas – Novos Descentramentos em Outras Axialidades”, coordenada por Laura Moutinho e Fabiano Gontijo, na XXX Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em João Pessoa, em agosto de 2016, que gerou um dossiê com o mesmo título publicado na *Revista de Antropologia do Centro-Oeste (Aceno)*, em seu volume 3, número 5, de 2016, organizado por Fabiano Gontijo, Moisés Lopes, Estêvão Fernandes e Martinho Tota. Outros dois dossiês foram publicados, na sequência, na *Amazônica: Revista de Antropologia*, em seu volume 8, números 1 e 2, de 2016, organizados pelos mesmos autores.

Assim, concluem-se as pesquisas bibliográficas realizadas até o momento percebendo que, no que diz respeito aos estudos rurais, parece que a maior parte dos artigos e textos analisados estão ora voltados para a organização social vinculada aos aspectos econômicos da vida no campo, ora voltados para as questões morais relativas à família e aos arranjos familiares camponeses – o gênero aparece quase sempre na forma da mulher trabalhadora e/ou militante ou dos papéis familiares.

No que diz respeito aos estudos de gênero e sexualidade, quando há articulação com a ruralidade, nota-se um grande número de artigos e textos que abordam, num primeiro momento, a condição da mulher camponesa (reprodutora e eventualmente produtora), às vezes vinculada aos movimentos sociais no campo, e/ou, em seguida, as relações de poder que permeiam as relações de gênero e as transformações dessas relações no mundo rural contemporâneo. A sexualidade (a) parece relegada à vida urbana como algo que não é conveniente à realidade rural.

A sexualidade e, mais particularmente, a diversidade sexual e de gênero e as práticas sexuais que podem se tornar marcadores sociais da diferença interseccionalizados nas pesquisas sobre o mundo rural ou na etnologia indígena ou nos estudos de realidades quilombolas, caboclas e ribeirinhas não teriam se transformado em objetos de estudo *per se* por diversas razões, não necessariamente por uma suposta incapacidade dos pesquisadores em perceber sua importância para a compreensão das relações sociais marcadas pelas ruralidades, pela etnicidade ou pela regionalidade. Talvez a principal dessas razões seja a própria agenda de pesquisas, tanto nos estudos rurais ou nos estudos étnicos ou sobre realidades interiores, como nos estudos de gênero e sexualidade, pautada por outros interesses de pesquisa ligados a certas tradições intelectuais (muitas vezes, a montagem da agenda se faz de acordo com demandas oriundas dos mais diversos pontos do campo de força em jogo nas Ciências Sociais) – no caso dos estudos rurais, em algumas tradições intelectuais que buscam entender as sociedades camponesas como sistemas sociais específicos, a economia e a política se tornam dimensões mais privilegiadas do que a sexualidade, entendida, esta última, como secundária (pensamos aqui, como exemplo, numa certa tradição já clássica desenvolvida, por um lado, por Eric Wolf e Sydney Mintz, e, por outro, por Henri Mendras).

Embora historicamente as Ciências Humanas e, em particular, as Ciências Sociais e a Antropologia, venham deixando de lado esses aspectos da vida social no meio rural e interiorano ou em situações etnicamente diferenciadas problematizados aqui, percebe-se que, também historicamente, outros campos de produção de saberes e conhecimentos, como a literatura brasileira consagrada ou as artes plásticas celebradas, estão repletos de referências (muitas vezes explícitas) à sexualidade do camponês ou do homem que vive no campo, do indígena ou do africano do interior do país, do caboclo e do ribeirinho amazônida e do interiorano em geral²¹.

No entanto, é sabido que as Ciências Humanas se constituíram, *enquanto ciências*, como legítimas provedoras de “verdades” sobre o

21 Para citar somente um caso emblemático da literatura brasileira, pensemos na relação dos personagens Diadorim e Riobaldo, de *Grande Sertão: Veredas*, de 1956, de autoria de Guimarães Rosa. E, nas artes plásticas, não passa despercebida a sensualidade e a sexualidade de alguns personagens rurais e/ou etnicamente marcados de Cândido Portinari ou até mesmo de Djanira. Nas Ciências

mundo, por oposição à literatura, esta relegada ao campo da “ficção” e, eventualmente, da produção de informação despreocupada com as “verdades”. Coube às ciências, assim, a instituição do que seria *bon à penser*; e, à literatura e às artes plásticas, o “resto”, a saber a sexualidade no mundo rural ou nos contextos interioranos e situações etnicamente diferenciadas, dentre outros temas.

Os estudos rurais, assim como os estudos sobre realidades interioranas, contextos indígenas e etnicamente diferenciados, deixaram de lado (ou abordaram tangencialmente), durante muito tempo, essas temáticas consideradas periféricas, por um lado, por não tratarem da relação do camponês ou interiorano com sua produção, privilegiando-se, assim, os estudos sobre economia doméstica, conflitos agrários, sindicatos rurais, migrações, dentre outros – isso se deve, talvez, à contaminação dos estudos rurais pelos ideais desenvolvimentistas e heteronormativos... ou, por outro lado, simplesmente, porque essas temáticas não faziam parte da agenda de pesquisas naqueles momentos; ou, enfim, por não considerarem relevantes os discursos sobre a sexualidade proferidos por indígenas e quilombolas para o entendimento das cosmologias locais.

Quando despontam sujeitos que vivenciam o seu direito à liberdade de escolha e que destoam dos sujeitos com comportamentos “funcionais”, tidos como “padrão”, são logo taxados de “desviantes”. Assim, no que diz respeito à diversidade sexual e de gênero, os mundos rural e interiorano amazônicos e os contextos indígenas e etnicamente diferenciados estariam apresentando uma ruptura com uma forte discursividade, aquela referente à longa tradição heteronormativa? Ou as relações observadas nos mundos rural e interiorano amazônicos e em contextos indígenas e etnicamente diferenciados seriam simplesmente o retrato – agora em cores – de uma realidade complexa e diversificada, muitas vezes negada pelos estudiosos dessas realidades e contextos? Ou o que vemos diz respeito simplesmente à dinâmica mesmo da vida social como um todo, em qualquer contexto?

Além disso, o contexto amazônico, por si só, oferece desafios

Humanas e Sociais brasileiras em sua formação, encontramos referências à experiência sexual dos sujeitos que vivem no *interior* do Brasil na obra majestosa de Gilberto Freyre, por exemplo, e até mesmo nas obras de Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda, Paulo Prado ou Antônio Cândido, obras muitas vezes consideradas ensaísticas.

peculiares aos estudos das múltiplas formas de sexualidade na região, especialmente a necessidade premente de um deslocamento desde as categorias hegemônicas de sexualidade e gênero, pensadas a partir de contextos históricos, sociais e culturais bastante diversos daqueles encontrados na região. Uma das conclusões deste levantamento diz respeito ao lugar epistêmico desde o qual a Amazônia vem sendo pensada, e desde que termos. De fato, uma crítica mais política aos processos de normalização que tomam lugar na região somente tem sido feita, como se vê aqui, apenas recentemente – e mais recente ainda vem sendo a formação de redes em instituições amazônicas para pensar, em conjunto, tais questões.

Um dos desdobramentos destas análises diz respeito à importância de se pensar os problemas aqui apontados desde uma chave interpretativa que contemple tanto as categorias de gênero e sexualidade quanto análises históricas e políticas que ponham em xeque as grandes narrativas teleológicas sobre colonialismo, desenvolvimento e progresso. A região possui não apenas uma diversidade sociocultural única no mundo, como um caminho histórico em larga medida diverso das narrativas oficiais sobre a história do Brasil. Desta forma, a ação de missões religiosas, a ação de igrejas neopentecostais na região (a Assembleia de Deus, por exemplo, chega ao Brasil pelo Pará), a colonização indígena (como a Carta Régia de 1798), a presença de várias expedições científicas e/ou militares, dentre outros fatores torna uma visão transversal dos fenômenos aqui indicados tarefa urgente dos estudos de sexualidade e gênero na região – algo ainda a ser feito.

Outro desafio diz respeito a recuperar o protagonismo desses atores, tanto do ponto de vista político quanto epistemológico. Neste sentido, cabe às futuras pesquisas romper com a retórica desde a qual esses sujeitos estão isolados das demandas e movimentos do restante do país. Desta forma, de que maneira iniciativas como o Plano IIRSA (Iniciativa de Integração da Infra-Estrutura Regional Sul-Americana), a construção de gigantescos complexos hidrelétricos (e o conseqüente deslocamento de grandes massas de trabalhadores e trabalhadoras), os conflitos no campo e agrários, a extração de madeira, o garimpo, as relações interpessoais em cidades fronteiriças, dentre vários outros fenômenos sociais (específicos) da região, podem nos auxiliar no descentramento de categorias estabelecidas de gênero e sexualidade, e, da mesma forma, de que maneiras tais noções podem ser informadas a partir da incorporação desse pluriverso?

Vê-se aqui que mais do que um conjunto de saberes a ser reproduzido ou aplicado, a partir de um lugar epistêmico estável, mas localizado – e focalizado – alhures, há um campo de possibilidades inexplorado no que diz respeito à diversidade sexual e de gênero na Amazônia.

Exortamos para que se reconheçam as complexas e dinâmicas interações desses sujeitos rurais, interioranos, indígenas e/ou quilombolas, caboclos e ribeirinhos, sobretudo amazônicos, e sua maneira criativa de constituir relações afetivas, voltando-se assim para a maneira como os “padrões hegemônicos de normalidade” seriam (re)interpretados e experimentados (talvez às avessas) em contextos culturais distintos, criando novos ou outros sujeitos imbuídos de novas ou outras moralidades e (até mesmo) constituindo novas ou outras legalidades. Somente assim, enquanto pesquisadores engajados, estaremos aptos para pensar, com nossos interlocutores, sobre a maneira como os direitos – geralmente elaborados por sujeitos envolvidos num jogo político que desconsidera as realidades rurais, etnicamente diferenciadas e interioranas das expressões da diversidade sexual e de gênero –, podem ser negociados, a partir de um diálogo mais simétrico, de modo a atender às demandas dos povos, populações e grupos subalternizados em seu reconhecimento identitário, principalmente quando suas experiências (da diversidade sexual e de gênero) os tornam duplamente subalternos, inferiores e marginais.

Referências

- CANCELA, C. D.; SILVEIRA, F. L. A.; MACHADO, A. Caminhos de uma pesquisa acerca da sexualidade em aldeias indígenas no Mato Grosso do Sul. **Revista de Antropologia**, v. 53, n. 1, 2010, pp. 199-235.
- FERNANDES, E. R. **Descolonizando sexualidades**: enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos. Tese de Doutorado, Estudos Comparados sobre as Américas, UnB, 2015.
- FERREIRA, P. R. **Os afectos mal-ditos**: o indizível das sociedades camponesas. Dissertação de Mestrado, Antropologia Social, UnB, 2006.
- FRY, P. Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros. In: FRY, P. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982a, pp. 54-86.
- FRY, P. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, P. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982b, pp. 87-115.
- FRY, P.; MacRAE, E. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- GONTIJO, F.; ERICK, I. A experiência da diversidade sexual e de gênero no Pará:

- espaço público, representações e discursividades. **Revista FSA**, v. 13, n. 4, 2016, pp. 40-59.
- GONTIJO, F.; ERICK, I. Diversidade sexual e de gênero, ruralidade, interioridade e etnicidade no Brasil: ausências, silêncios e... exortações. **Aceno: Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 2, n. 4, 2015, pp. 24-40.
- GUIMARÃES, C. D. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004 [1977].
- HARRIS, M. *What it means to be a caboclo: some critical notes on the construction of Amazonian caboclo society as an anthropological object*. **Critique of Anthropology**, v. 18, n. 1, 1998, pp. 83-95.
- HEILBORN, M. L. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: PARKER, R. (Org.). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- LEA, V. R. O som do silêncio (Paul Simon). In: **Cadernos Pagu**, n. 41, 2013, pp. 87-93.
- LIMA-AYRES, D. M. A construção história da categoria caboclo. Sobre estruturas e representações sociais no meio rural. **Novos Cadernos NAEA**, v. 2, n. 2, 1999.
- LOPES, M. O movimento LGBT da Baixada Cuiabana e a segmentação de identidades. In: **Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas**. Londrina: EdUEL, 2014.
- McCALLUM, C. Nota sobre as categorias “gênero” e “sexualidade” e os povos indígenas. In: **Cadernos Pagu**, n. 41, 2013, pp. 53-61.
- MARQUES, R. Homoerotismo no Cariri cearense: inscrições de um objeto em suas relações com o silêncio. **Métis: história & cultura**, n. 10, 2012, pp. 197-217.
- MARQUES, R. O Cariri e o forró eletrônico: percurso de uma pesquisa sobre festa, gênero e criação. **Ponto Urbe**, n. 15, 2014, pp. 2-11.
- MILLER, D. Itá em 1974: um epílogo. In: WAGLEY, C. **Uma comunidade amazônica**. 2 ed., São Paulo: Editora Nacional, 1977.
- MIRELLA, L. **Localidade ou metrópole? Demonstrando a capacidade de atuação política das travestis no mundo-comunidade**. Dissertação. (Mestrado em Antropologia). Brasília: PPGAS, 2010.
- MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, v. 11, n. 21, 2009, pp. 150-182.
- MOTT, L. **Dez viados em questão: tipologia dos homossexuais da Bahia**. Salvador: Ed. Bleff, 1987.
- MOTTA-MAUÉS, M. A. A questão étnica: índios, brancos, negros e caboclos. In: **Estudos e Problemas Amazônicos**. Belém: Idesp/Sedup, 1989, pp. 196-204.
- MUNIZ DE OLIVEIRA, J. **Mulher com mulher dá jacaré**: uma abordagem antropológica da homossexualidade feminina. Dissertação de Mestrado,

Antropologia Social, UFRJ, 1992.

NASCIMENTO, S. S. **Faculdades femininas e saberes rurais. Uma etnografia sobre gênero e sociabilidade no interior de Goiás.** Tese de Doutorado, Ciência Social, USP, 2006.

NASCIMENTO, S. S. **Homem com homem, mulher com mulher:** paródias sertanejas no interior de Goiás. *Cadernos Pagu*, n. 39, 2012, p. 367-402.

NASCIMENTO, S. S. **Variações do feminino: circuitos do universo trans na Paraíba. Revista de Antropologia**, v. 57, n. 2, 2014, pp. 377-411.

PARKER, Eugene (Org.). **The amazon caboclo – historical and contemporary perspectives.** *Williamsburg: Studies in Third World Societies Publications*, 1985.

PARKER, R. *Masculinity, femininity, and homosexuality: on the anthropological interpretation of the sexual meanings in Brazil.* BLACKWOOD, E. (Org.). **Anthropology and homosexual behavior.** *Nova Iorque: The Haworth Press*, 1986.

PASSAMANI, G. **Batalha de confete e outras memórias: condutas homossexuais e curso de vida no carnaval do Pantanal.** In: **Anais da V Reunião Equatorial de Antropologia.** Maceió: EdUFAL, 2015.

PERLONGHER, N. **O negócio do michê:** prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RODRIGUES, C. I. **Caboclo na Amazônia: a identidade na diferença. Novos Cadernos NAEA**, v. 9, n. 1, 2006, pp. 119-130.

SACCHI, A.; GRAMKOW, M. M. (Orgs.). **Gênero e povos indígenas.** Rio de Janeiro/Brasília: Museu do Índio e Funai, 2012.

TOTA, M. **Eixos, nexos e câmbios de diferença: discursos e trajetórias políticas envolvendo etnicidade, homossexualidade e religião. Bagoas**, v. 7, n. 13, 2013, pp. 295-322.

TOTA, M. **Entre as diferenças: gênero, geração e sexualidades em contexto interétnico.** Tese. (Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

WAGLEY, C. (Org.). **Man in the Amazon.** *Gainesville: University of Florida Press*, 1974.

WOORTMANN, E. **Herdeiros, parentes e compadres.** São Paulo: Hucitec, 1995.

WOORTMANN, E.; WOORTMANN, K. **Fuga a três vozes.** Brasília: Anuário Antropológico/91; Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1993.

FABIANO GONTIJO

Doutor em Antropologia (École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2000)

Professor da Universidade Federal do Pará

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq

ESTÊVÃO FERNANDES

Doutor em Estudos Comparados sobre as Américas (Universidade de Brasília, 2015)

Professor da Universidade Federal de Rondônia